

| |
|------------------|
| Legenda |
| I – Investigador |
| *I – Informante |
| _____ Pausa |
| \ - Interrupção |

Transcrição da entrevista

Informante: Victor Rui Ramalho Bettencourt Dores

Data: 05 de novembro de 2006

Local: Horta, Ilha do Faial – Açores - Portugal

*I- Nos Açores, as folgas realizavam-se à noite, nos compartimentos mais espaçosos das casas rurais, em qualquer época do ano, excepto na Quaresma. Geralmente aconteciam aos sábados, já que a religião católica não autorizava que aos domingos se folgasse e trabalhasse. Consistiam as folgas em alegres serões, reunindo rapazes, raparigas (e alguma gente de mais idade) que bailavam ao som da viola, do violão, da rabeca e, mais tarde (já no século XIX), da viola da terra.

Nas ilhas do Faial e do Pico, os bailes antigos (“bailhos, no dizer do povo) tinham a seguinte ordem: *Sapateia Corrido ou Singelo, Sapateia de Cadeira, Bravo, Tirana, Cá Sei, Praia, Rema, Manjerição, Rola, Matias Leal, São Gonçalo, Abana, Meu Bem, Caracol, Pezinho, Volta no Meio, Bela Aurora, As Vacas* e, para finalizar, a *Chamarrita*.

As folgas eram sempre o culminar de um acontecimento festivo, sendo os mais importantes a desfolha (ou desfolhada) e a matança do porco.

Tal como o nome indica, a desfolha era a operação de retirar as folhas exteriores às socas de milho (maçarocas). Um costume, generalizado em todo o país, consistia em quando alguém descobria uma soca vermelha (o chamado “milho rei”), assistir-lhe o direito de beijar a face de todos os presentes do sexo oposto – se fosse rapaz beijava a face de todas as raparigas, e vice-versa. Tal acontecimento dava azo a uma esfuziante manifestação de alegria e a episódios romanescos e amorosos.

Também nas matanças de porco, as folgas eram pretexto para se iniciar a fase do namoro, até porque havia, durante o baile, algum contacto físico entre rapazes e raparigas: mão na mão; mão no braço; mão nailharga... Se, durante o baile, o mandador verificava que um rapaz se excedia nos gestos ou nos olhares para com a rapariga com quem bailava, então dizia: *Leva de cheia*, isto é, troca de pares. Em dia de folga, as raparigas vestiam os seus melhores trajes, porque sabiam que iriam atrair a atenção dos rapazes.

Os rituais do namoro nos meios rurais

Antigamente, nos meios rurais, o namoro revestia-se de início quase de um sincretismo, e só era reconhecido como tal, depois do rapaz (namorado) ter a devida autorização do pai da rapariga (namorada) para com ela falar.

O namoro poder-se-ia dividir em três rituais distintos: o “olharem-se”, o “já se falam” e o “pedido”.

1º ritual (olharem-se)

Nesta fase preliminar do namoro, o rapaz que pretendia namorar a rapariga do seu agrado, procurava enleá-la num olhar intencional, e se compreendia por entre o ruborizado pudor da requestada, que não lhe era indiferente, avançava com mensagens, transmitidas por sinais ou pelo mover dos lábios, numa linguagem quase imperceptível, a que se chamava *falar de boca pequena*. As folgas eram um mero pretexto para que tal acontecesse e, na maior parte das vezes, eram nas folgas que se iniciavam os namoricos. Depois destes olhares, em que o namoro estava por assim dizer, condicionado e limitado a uma explosão de fluidos amorosos, o rapaz procurava então ver novamente a eleita do seu coração, passando-lhe à porta, às horas que calculava poder descortiná-la, ou aos domingos, à saída da missa. Esta fase do namoro revestida de mil cautelas desenrolava-se muitas vezes sem que os familiares se apercebessem, até que o rapaz resolvia falar com a rapariga, *ir à fala* como então se dizia, e comunicar-lhe a resolução de pedir ao pai para com ela falar.

2º ritual (já se falam)

O pai ao conceder autorização ao rapaz para falar com a filha, comunicava-a à mulher para que esta ficasse a par da situação. Assim, após o primeiro domingo em que foi autorizado a falar com a namorada, o rapaz apresentava-se diante da sua casa, falando com ela consoante o sítio onde lha aparecia: janela, muro ou postigo, mas sempre a considerável distância sendo-lhe apenas permitido falar até às trindades, ou seja, ao pôr do sol. Daí o adágio: “Trindades batidas, meninas recolhidas”.

3º ritual (o pedido)

Logo que os namorados entravam na segunda fase do namoro, geralmente começavam a pensar no casamento, iniciando-se os preparativos: a rapariga começava a bordar o enxoval, enquanto que o rapaz começava a amealhar o dinheiro destinado à compra dos móveis e apetrechos que lhe competia levar. E quando resolviam casar, o rapaz combinava com a rapariga o dia em que iria pedi-la em casamento, e esta comunicava à mãe, que, por sua vez, transmitia ao pai.

No dia e hora aprazados, o rapaz dirigia-se à casa da rapariga, muito raramente sozinho, geralmente fazia-se acompanhar do pai, ou de um irmão mais velho e casado, ou ainda de pessoa de comprovada respeitabilidade e influência na freguesia, a fim de o seu acompanhante, pedir em seu nome, ao futuro sogro, a filha em casamento. O pai, depois de dar o seu consentimento, mandava a mulher, que assistira ao pedido, chamar a filha, à qual e apenas como mera formalidade comunicava o acontecimento, inquirindo se era do seu agrado, obtendo, claro está, resposta afirmativa.

Consumado o pedido, os pais da rapariga convidavam a família do rapaz para jantarem, convite que era retribuído no domingo seguinte pela família do namorado. A partir do *pedido de casamento*, o rapaz passava a falar com a rapariga dentro de casa, e já podiam sair juntos, desde que se fizessem acompanhar por um familiar. As famílias passavam a visitar-se, havendo convites recíprocos para as festas da localidade ou épocas festivas.

Em relação a uma rapariga que tivesse sido pedida em casamento, dizia-se que *tinha namorado da porta p'ra dentro*. Este processo contratual de casamento não se limitava a um simples simbolismo, era sim, promessa formalmente assumida, encontrando-se em jogo a honra de duas famílias, e quando, por agravo de qualquer das partes, o casamento era “desmanchado”, a rapariga tarde ou nunca voltaria a casar.

Transcrição da entrevista tomada no projeto já referenciado de Azeredo, F., (2003).

Informante: Victor Rui Ramalho Bettencourt Dorés

Data: 26 de Agosto de 2000

Local: Conservatório Regional da Horta-Faial

Nota: confere aqui sua primeira publicação, na dissertação do 4º Mestrado em Performance Artística / Dança da Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa .

I - Perguntei-lhe: a quem ele atribui seu envolvimento no campo artístico-cultural, em terras açorianas e a partir daí toda entrevista, já em fase de validação, será interpretada com o depoimento e o endosso do artista (informante privilegiado).

*I - Sua resposta é atribuída ao fato de ter nascido numa ilha pequena (Graciosa) e viver num certo isolamento físico...

“O arquipélago dos Açores, em cinco séculos de existência, gerou muitas formas de solidão atlântica. São cinco séculos de contacto permanente com o mar, de isolamento físico, de horizontes finitos e de uma religiosidade que foi gerada no terror sagrado de sismos e vulcões. E tudo isto são fatores que marcaram as vidas dos açorianos, e a grande influência artística é atribuída a uma tradição oral, naturalmente ligada à música, tendo a ver com a tradição dos povoadores. Alguns deles trouxeram para estas ilhas os cantares de gesta medievais, sobretudo as cantigas de amigo, de escárnio e mal-dizer e retomaram a tradição de trovadores, jograis e menestréis. Ou seja, eles eram simultaneamente poetas, cantores e músicos. As diversas cantigas reuniam os amigos e estas formas de poesia tradicional vieram para os Açores e se mantiveram até hoje”.

*I- De acordo com o informante referenciado, na ocasião a população açoriana era de aproximadamente 242 mil habitantes, destes 15% tocam música publicamente. Estatisticamente existem neste país setecentos e vinte e sete filarmônicas e destas, cento e sete estão sediadas nos Açores. Elas movimentam a média de cinco mil músicos “o escritor Camilo Castelo Branco, dizia que as filarmônicas são os conservatórios do povo”.

I - Em tom irônico, referiu o entrevistado que, para povoar os Açores, os primeiros povoadores passavam tão mal de viagem, que muitos deles não tiveram a coragem de regressar... A cultura foi se moldando ao longo dos anos, por exemplo, a canção Saudade, “segundo Luís da Silva Ribeiro, não é mais do que uma valsinha ou uma modinha brasileira, muito em moda no século XIX”, que na altura era um tipo de Lundú no Brasil e ao chegar aos Açores identifica-se pela saudade.

*I - A música tradicional dos Açores tem, principalmente, uma influência Portuguesa, e também Flamengo, Africana, Brasileira e mais recentemente, no século XIX, com atividade baleeira, também Norte-Americana. Estas influências geram, na música açoriana, a sua grande riqueza e diversidade. Outro aspecto importante é que 80% da música tradicional dos Açores é tocada em tons menores, que revelam uma origem mais artística e mais erudita. Os tons maiores revelam uma influência mais popular, isto quer dizer que a cultura açoriana sofreu os fenômenos da adaptação e da criação local.

*I - Todo o cancionero, o romancelero e a música tradicional açoriana, ao chegarem aos Açores vão encontrar uma realidade geográfica totalmente diferente e essa acaba por moldar a tradição. Inicialmente existia a tentativa de imitar o que vinha de fora, trazido não só pelos primeiros povoadores os marinheiros “*tem gente que não fala dos marinheiros, ora eles são os grandes responsáveis pela introdução de várias melodias, modas e instrumentos da cultura açoriana*”.

*I - Hoje no folclore açoriano a música e a dança podem ter as mesmas versões em várias ilhas, mas sofrem variantes de ilha para ilha, a natureza é a mesma, por exemplo: A Lira, que enfim tem música e coreografia, uma das modas mais carismáticas, na ilha Terceira, ela tem esta toada “*Morte que mataste Lira, mata-me a mim que sou teu, mata-me com os mesmos ferros com que a Lira morreu...*”. Esta mesma Lira no Faial é assim “*Morte...*” (*cantou em ritmo bem acelerado, comparada a Ilha Terceira*). Portanto a mesma moda sofre variação quer em nível da música, quer em nível da letra, é claro que também existem no folclore açoriano, modas que são específicas apenas de algumas ilhas. Por exemplo: As Velhas e a Charamba são Terceirenses; A Lira não é cantada em São Miguel e nem em Santa Maria; A Saudade é conhecida em todas as ilhas. Enfim, no fundo as modas tradicionais dos Açores são inseparáveis e indissociáveis da tradição portuguesa, pois contam a própria história, por adaptação e criação aos novos tempos, e por isso existem hoje cantigas como a Chamarrita, Meu Bem, Eu Cá Sei a Saudade e as próprias Velhas que devem ser de criação local. Elas podem provir de uma reprodução da matriz portuguesa, mas ao longo do tempo conquistaram as suas autonomias dentro outra realidade geográfica e sócio-cultural.

I - Questionado, quanto à terminologia de “Dança Etnográfica”(ouvi falar assim nos Açores), usada no Arquipélago dos Açores e nalgumas regiões do Continente português, é propriamente uma forma de se recriar uma tradição, manter viva a memória de seus antecedentes”.

*I - “Existe nos Açores uma carência a nível bibliográfico, se retrocedermos no tempo, por exemplo, os princípios do século XIX, os documentos mostram o que se cantava e dançava nos Açores e como isto era feito, portanto, o século XIX (não existem, nestas ilhas, documentos sobre o

cancioneiro anteriores ao século em questão) guarda uma memória de um século, ou mais, pra trás... Se precisasse falar com nossas bisavós, infeliz e naturalmente eles não existem mais, mas se falarmos com nossos avós, é possível que se lembre de algumas coisas, enfim é por intermédio destas pessoas que podemos rebuscar um século de memórias, que existe com um fundo perceptível de folclore”.

I - Ele lembra-se que dançavam de tal forma e que aprenderam também com seus antepassados o jogo coreográfico, porque eles também dançavam daquela mesma forma. Quanto à terminologia de dança Etnográfica: Partindo deste princípio a dança etnográfica recria uma tradição oral com mais de um século, por exemplo: Ele lembra-se de danças que seu avô dançava e pode recriá-las... Por outro lado é preciso saber que na dança, o produto final quando se vê, no caso de um espetáculo, é uma montagem projetada por pessoas que ali estão entre outras que os prepararam num elenco (coreógrafos, figurinistas, etc). Pessoas capazes de reproduzir parte do real e outra do imaginário.

I - No que diz respeito aos trajes, respondeu-me:

*I - Se repararmos bem em todos os oitenta grupos folclóricos que existem, hoje, nos Açores, os trajes serão de trabalho ou domingueiros. O povo durante a semana trabalha e ao domingo vai à missa, portanto os trajes domingueiros são um pouco mais finos, enfim já são mais de linho, de algodão, são vestimentas mais cuidadas mesmo na sua confecção. Os trajes de trabalho são aqueles que o povo usava mais na zona rural e a dança em si reflete nestes dois estados de espírito. *“O povo trabalhava e ao trabalhar cantava porque ao cantar se produzia mais, a música tem esta vantagem de descontrair de renovar o espírito, ao cantar e dançar se põe para fora os males”*.

*I- Existem danças inspiradas nos movimentos de trabalhos executados pelo povo da terra, assim como, dança baseada na tradição dos marinheiros açorianos, pode-se citar o Rema encontrado na Ilha das Flores e Graciosa, por exemplo, com coreografias e letras baseadas na arte de remar. *“Eu a remar pra te ver...; Rema para lá lanchinha...”* (cantou para eu ouvir) toda a música, e coreografia, de fato têm a ver com o simples trabalho, também do pescador que está no mar, enfim a pensar, a remar, portanto, existe uma clara influência entre o trabalho e a arte.

I - Quanto aos rituais o interpelei e seu parecer é que tem outro tipo de dança que no fundo não recria o trabalho, ela recria a pessoa que dá certa alegria de viver, por exemplo, o Pezinho da Vila, Ilha de São Miguel e a Chamarrita, de várias ilhas celebram o quê? Celebram a alegria de estar junto com os amigos, celebram a vontade de viver, de movimentar o corpo em sincronia com o ritmo da música e com os parceiros. O povo dançava modas populares no terreiro e nas eiras; as classes mais abastadas dançavam, no salão, as “gavotas”, as quadrilhas e os minuetos. Havia então uma nítida estratificação social. As classes sociais não se misturavam; seria impensável um nobre dançar lado a lado com uma lavadeira, pelo que o meu entrevistado não concorda com a existência dos chamados “grupos etnográficos” – poderão ter interesse para o espetáculo, mas são uma falsidade histórica.

*1 - Quando se tem boa disposição pode-se cantar, dançar, diga-se que assim a dança aborda uma função mais social, por exemplo, a Chamarrita apresenta claramente uma função social. As pessoas preferem se confraternizar dançando podiam falar, mas não, vão dançar, durante a dança há uma clara comunicação verbal, porque o baile é mandado e há todo um jogo coreográfico que faz com que as pessoas no fundo estejam ali a estabelecer certa comunicação entre si e com ambiente que se criou, ou formou-se pelo entusiasmo, sem prévio planeamento. Existe em Santa Maria, o Sol baixo (é uma música dos camponeses). Há também uma versão das Nuvens de Sol. A dança recria e celebra rituais religiosos, históricos, reverencia a natureza e a alegria de estar junto, vivo, saudável e de certo modo prolonga a amizade e o convívio grupal. Se observarmos com certa especificidade algumas danças açorianas, a Chamarrita tem comprovada criação açoriana bem definida por Andrade 1960 (pp25/49), em suas variadas versões inclusive no interior de uma mesma ilha em nível de freguesias. Sabe-se bem que ao chegar ao Brasil, esta dança adotou o nome de Chimarrita Cortes e Lessa 1955 (pp49/51).

*1 - A Chamarrita é claramente uma dança da alegria, mas, por exemplo, há danças de uma grande nostalgia, de uma grande angústia, por exemplo, a Saudade de quem está longe, a tristeza de quem parte, "... *São tantas as saudades, são tantas as saudades...*" e os Olhos Pretos "... *Os teus olhos pretos, lindos...*" (*também as cantou com certa nostalgia*) estas músicas soam como "fadados açorianos" e devem ser ouvidas, sentidas e pouco dançadas, mas na Ilha Terceira apresentam-se estas danças que são mais lentas, naturalmente relacionados com o mar com o ritmo ternário, que é muito peculiar do folclore açoriano. O compasso três por quatro é muito difundido e tem a ver de fato com o ritmo das marés. A Chamarrita apresenta-se de forma mais autêntica nas ilhas do Faial e Pico, quer na parte coreográfica, musical, letra, ou nos comandos (nos Açores diz-se "mandar o baile"). No Faial tem uma coreografia bem distinta e difícil de ser realizada, porque exige certa aptidão física e rítmica, (*ele mostra-me o passo*). A coreógrafa Dona Maria Vitorina, responsável por um grupo folclórico de que ele fez parte, costumava enfatizar: "carinhas alegres", para transmitir alegria e essa alegria não é preciso provir de jovens bonitos, com corpos esculturais, pois os componentes dos grupos apresentam idades variadas, como nas marchas da Ilha Terceira. Não existe discriminação de idade, sendo unânime a grande alegria que contagia os assistentes, é um fato muito bonito de ser apreciado.

*1 - E quanto ao colorido forte dos trajes típicos? As tinturas das roupas, algumas fazem parte dos trajes típicos açorianos. Estas cores são correlacionadas a tudo o que a gente faz que possa ser profano ou religioso e nos Açores há exemplos de trajes com cores tristes e alegres. As cores tristes são mais usadas para fundos religiosos, por exemplo, o roxo e o castanho (o castanho tem a ver com Nossa Senhora do Carmo e o roxo com a Paixão de Cristo). Essas cores não simbolizam os nossos folclores porque são cores muito tristes, muito do âmbito religioso, exceto raras vezes o castanho. No profano encontraremos o vermelho, branco e o amarelo. O tecido mais usado para apresentações artísticas era sempre o linho (cultivado e confeccionado nos Açores), a lã, também confeccionada com cores naturais e tingida, e o algodão.

*1 - Nos grupos folclóricos dos Açores geralmente os mais jovens vão dançar e as pessoas com idade bem mais avançada vão cantar e tocar. Embora que alguns grupos mesclam todas as idades, mas duma maneira geral o que se nota, é assim as pessoas jovens dançam, cantam, os mais idosos cantam e tocam precisamente. De uma maneira geral a ideia é essa até por uma questão também de promover um espetáculo é claro, pois estando os jovens a dançar é possível que o espetáculo resulte melhor em termos não só de coreografia, mas de expressão corporal, é possível que um rapaz seja capaz de se expressar melhor do que uma pessoa com idade avançada, além da continuidade das tradições.

I - Quanto ao local de dançar?

*1 - Antigamente as danças eram vistas na eira (locais usados para triagem dos cereais) ou no terreiro, de todos os ângulos. Hoje em dia elas estão condicionadas a serem mostradas de frente, nos palcos para fins espetaculares. O movimento circular da dança também se caracteriza pelo fato das rodas de eiras apresentarem este formato que servia para os festejos após a colheita.

I - As tradições só subsistem, se houver uma camada popular disposta a trabalhar pela sua perpetuação e este trabalho deve estar em comunicação com o povo e com os valores regionais, assim encerramos a entrevista, com certa abrangência de temas e nomes que poderão ser retomados para estudos específicos.

Relatos feitos pelo mesmo autor, em nota específica para este trabalho. Atendendo a

pedido Chamarrita(s) das ilhas do Faial e do Pico. Os mandos da Chamarrita - seus significados

De:

victor.dores@sapo.pt

Enviada: quinta-feira, 16 de outubro de 2008 22:08:57

Para: fortalezaflavio@hotmail.com

📎 1 anexo(s)

[Chamarrit...doc](#) (25,5 KB)

Origem

A semana passada bailei uma Chamarrita na freguesia de Pedro Miguel, ilha do Faial, Açores, e, pelas minhas contas, o “balho” (corruptela de baile) durou mais do que três horas ininterruptas... É sempre assim: trocam os pares, mudam os “mandadores”, mas os tocadores não param a música. Nas restantes sete ilhas não se vê nada parecido com isto. Não é penitência estar ali, no terreiro, mais do que três horas a bailar e a suar – é uma coisa espontânea e libertadora, quase catártica.

Fazendo parte integrante da música tradicional dos Açores, a Chamarrita é nome de cantiga apressada e animada, cantada de forma bem humorada por cantadores e cantadeiras. Embora se lhe aponte como étimo mais provável o espanhol *chimarra* ou *chamarra*, o termo Chamarrita parece palavra composta do verbo **chamar** e do nome próprio **Rita**: chama a Rita = Chamarrita.

Pelos menos nos primeiros escritos que se conhece da palavra Chamarrita, ela surge-nos grafada precisamente como **Chama a Rita**. E não só. Também **Chama a Rosa**, sendo disso exemplo a “Chamarrita do Faial”:

Chama a Rita, chama a Rosa
Venham ambas à janela
Ver uma cara formosa
De uma tão linda donzela.

Ora, porquê **Chama a Rita**? Isto tem a sua razão de ser no sistema usado nas ilhas para os “balhos” de roda. Terminado um e antes do início de outro, os homens mandavam chamar outras mulheres com quem desejavam bailar; depois, eram as mulheres que chamavam outros homens e assim por diante.

No sul do Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), o termo **Chimarrita**, que indica também um baile popular, é certamente, a alteração da Chamarrita açoriana, ali introduzida por casais açorianos que, no século XVIII, foram colonizar aquelas regiões.

Tal como outras cantigas, também a Chamarrita é cantada em todas as ilhas dos Açores com variantes poéticas e variações musicais distintas de ilha para ilha. De salientar que a Chamarrita, contrariamente à maioria das cantigas populares açorianas, possui menos melodia e harmonia e mais energia rítmica.

Nas ilhas do Pico e do Faial a Chamarrita é que fecha o “balho”, ao passo que em outras ilhas é a Sapateia que faz a despedida. É também naquelas duas ilhas onde as Chamarritas conhecem uma expressão mais característica. A começar pelo toque rasgado e pela pancada na viola da terra (de 12 cordas), que consiste no movimento da mão direita sobre as cordas e sobre o tampo da viola, e a acabar nos improvisos bem humorados e nas rimas espirituosas dos cantadores.

O “mandador”, e a significação dos seus mandos.

A Chamarrita é bailada com 6, 8, 10 ou mais pares, nunca em número ímpar. Cabe ao mandador orientar o “balho” e emprestar ao mesmo vivacidade e brilho. A sequência das suas vozes de mando é arbitrária, mas geralmente é feita tendo em conta as seguintes marcações:

Vamos embora! – significa o início do “balho”. Neste movimento, os pares giram sempre em frente um do outro (movimentação ponteiros do relógio).

Leva de cheia! – os homens, com o braço direito, enlaçam as senhoras pela cintura e prendem, com a mão esquerda a direita da companheira.

Abre a roda! – dão as mãos uns aos outros ficando, alternadamente, um homem, uma senhora, e de frente para o centro, voltando-se à direita e à esquerda de forma que quando o homem se volta para a direita a senhora que lhe fica à direita se volte para a esquerda, encontrando-se face a face; e o mesmo inversamente.

Salta! – largam as mãos. O homem passa por trás da senhora que lhe fica à direita e dirige-se à seguinte, que vem em sentido contrário e com quem se encontra face a face.

Aguenta para trás! – senhoras e homens, presas sempre as mãos, bailam no sentido da direita. Estes avançando, aquelas recuando.

Ao contrário! – rodam pelo lado do centro sem nunca deixarem as mãos e bailam no sentido da esquerda.

Foge! – deixam as mãos para de novo, com a mão direita, o homem pegar na da senhora em frente.

Faz cadeia! – o homem pega com a mão direita na mão direita da senhora que lhe está em frente, ficando voltado para as costas dela.

Ao centro! – fazem todos um movimento lateral de se unirem ao centro da roda com as mãos um pouco levantadas.

Vamos à praia! – o homem oferece o braço direito à senhora e baila no sentido da direita, homens por dentro, senhoras por fora.

Quebra e tranceia! – o homem passa pela frente da senhora da esquerda, rodeia-a e por trás, vai ocupar o seu lugar novamente.

Faz torreão! – os homens caminham pelo lado de dentro das senhoras no sentido da esquerda, e cada um vai rodar com a terceira senhora, que caminha também no sentido da direita e por fora. Chegados junto delas, rodam sobre a esquerda, ombro com ombro, caminhando cada qual em sentido contrário, indo o homem bailar com a senhora que lhe ficava anteriormente à esquerda.

Rola p´ra baixo – os pares, enlaçados, movimentam-se em volta até o mandador dizer “**Fica**”.

Fica bailhando! – os pares ficam a mover-se bailando, a um lado e outro, mas sem rodar ou rolar.

Uma senhora à frente, outra ainda, ainda mais esta! – procede-se como no “**Foge!**”. Apenas os homens e as senhoras mudarão de lugar passando um par à frente e cortando ora por fora ora por dentro, às vozes deste movimento.

Olha o Pico! – é expressão utilizada a ilha do Pico para acabar a Chamarrita.

Nota finais:

- a) Não há a preocupação de acabar o balho como este havia sido iniciado. Mesmo se houver troca de pares (o que geralmente acontece), acabada a Chamarrita cada qual procura a senhora com quem principiou o balho, e ali combinam quem os virá substituir.

Se no meio do balho há um engano, o mandador diz: **Água fora!** Todos param para recomeçar o balho.